

## Apresentação

Os debates acerca do universo no qual a produção das artes visuais transita encontram abrigo nas reflexões que constituem o sistema da arte. Ampla plataforma de estudos, as análises ancoradas no tema contribuem para dilatar a compreensão de como se estruturam as etapas de produção, circulação, legitimação e consumo de arte, desvelando processos e tomadas de decisão de agentes em meio a mecanismos de funcionamento de instituições e eventos. Sua potência como linha de pesquisa se pavimenta e fortalece pela convergência de variadas áreas do conhecimento, que auxiliam a pensar como o sistema da arte se desenvolve em meio às lógicas vigentes em cada tempo histórico.

Da sua fase embrionária na Europa renascentista, mais precisamente entre os séculos XV e XVI, o Brasil terá que esperar até a chegada da Família Imperial, em 1808, para assistir a implantação dos primeiros instrumentos de produção e circulação das artes visuais. Desta forma, o País importa um modelo já consolidado e em pleno desenvolvimento, construindo lentamente suas esferas de legitimação, como a primeira instituição específica para salvaguarda de uma memória e extroversão da produção artística, o Museu Nacional de Belas Artes, em 1936, no Governo de Getúlio Vargas. Deste momento até o período entre a década de 1980, aproximadamente, constitui-se o sistema da arte moderna composto pela atuação de importantes artistas, a criação dos museus modernistas, a implementação do colecionismo de arte de forma mais disseminada e crescente, instituições de ensino, salões, galerias, a Bienal de São Paulo, a segunda maior do mundo neste segmento, entre outros tantos exemplos.

A partir de 1990, que pode ser considerado um *turning point* decorrente da extinção do aparato público da cultura pelo Governo Federal, o sistema da arte é realinhado em novas estratégias, recolocando agentes no setor e fazendo emergir novas estruturas em meio a um cenário econômico recessivo. É neste ambiente que o sistema da arte contemporânea vai tomando forma e ajustes ao imperativo imposto pelo neoliberalismo globalizado que o capitalismo de mercado impôs às dimensões e experiências estéticas.

Simultaneamente a alterações nos processos conjunturais, as poéticas visuais vão assumindo e incluindo novas metodologias e apostas criativas, inserindo-se nas múltiplas e distintas linguagens que dialogam entre si, diluindo fronteiras, quebrando compromissos institucionais e se firmando como nova força no mercado de arte. A nova produção, conhecida como arte contemporânea, resulta em uma forma de expressão que busca um contato mais direto com o mundo, produzindo um pluralismo sem precedentes, de disjunção de meios e de permissividade que impossibilita um relato de desenvolvimento progressivo, como afirma Danto em seu livro “Depois do Fim da Arte”. Ela, a arte contemporânea, fala da situação em que se vive hoje e da veloz transformação pela qual as sociedades atravessam, provocando infinitas sensações, sentimentos e possibilidades de leituras acerca da árdua e complexa tarefa da existência humana. A percepção da transitoriedade e da fragilidade dos paradigmas de funcionamento e relacionamento da arte com o mundo é o cerne da arte contemporânea, seu espaço de engajamento e expressão.

No que concerne o escopo conceitual, vale destacar que no âmbito da

produção intelectual brasileira o termo sistema da arte recebe a primeira fundamentação na tese de Maria Amélia Bulhões, “Artes Plásticas: participação e distinção, Brasil anos 60/70”, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, em 1990. Sob coordenação de Bulhões, dois anos depois, o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, iniciava suas atividades com uma de suas linhas de pesquisa intitulada Relações Sistêmicas da Arte.

O Grupo de Pesquisa Territorialidade e Subjetividade: cartografia e novos meios, inscrito no CNPq e encabeçado por Maria Amélia, tem buscado expandir as discussões que analisam cruzamentos entre local e global como característica inerente ao mundo da arte contemporânea; os atravessamentos de outras instâncias e suas repercussões nas instâncias que compõe o sistema; o questionamento da noção de autonomia da arte nos dias de hoje, explicitando as novas relações de poder face a um campo artístico cada vez mais heterônomo, entre tantas outras possíveis abordagens. Neste sentido, o presente Dossiê revela, fundamentalmente, o compromisso com o vital e necessário diálogo entre instituições de excelência no ensino e pesquisa, no qual os Programas de Pós-Graduação ocupam espaço privilegiado, para o desenvolvimento científico, artístico, cultural e acadêmico do País.

Cabe mencionar que o aceite da proposta do Dossiê Sistema das Artes Visuais no Brasil, pela Comissão e Conselho Editorial da Revista ouvirOUver, demonstra importante percepção da relevância do assunto, tornando-se, simultaneamente, um profícuo dispositivo de análise do sistema da arte e de seu crescimento e avanço como objeto de reflexão e investigação. Por meio deste generoso entendimento foi possível reunir um grupo de pesquisadoras e pesquisadores que respondem por estudos de temas diversos, como a compreensão dos processos de valorização, considerando seus aspectos simbólicos e mercadológicos; a discussão sobre a gestão dos aparelhos culturais em meio ao receituário da política econômica centrada no mercado; a inserção recente de instrumentos de visibilidade e circulação da arte, como as feiras de arte e a Internet; o papel de colecionadores e colecionadoras no sistema de arte; entre outros assuntos. Assim, o Dossiê segue uma ordenação que busca oferecer uma lógica conceitual e factual para compreensão do tema proposto, não excluindo a possibilidade de leitura direta a textos que ofereçam conteúdo de interesses específicos dos leitores e leitoras.

O texto de Maria Ignez Mantovani Franco abre o Dossiê, uma das mais ilustres figuras do cenário cultural brasileiro, à frente da Expomus desde 1981, responde por um elenco de trabalhos de altíssima qualidade conceitual e técnica, conectados com as mais relevantes instituições de arte do Brasil e do mundo. A exemplo, a mostra *Picasso e a Modernidade Espanhola*, realizado no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo e Rio de Janeiro, trouxe 90 obras do acervo do Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, de Madrid, Espanha, e constou em primeiro lugar no *ranking* de visitação no ano de 2015, pela Revista ArtNewspaper. Esta e outras significativas contribuições, como a implantação e reestruturação de várias instituições museológicas, revelam a importância da Expomus para a História da Cultura e da Arte no País. A autora não se debruça sobre especificidades do sistema da arte, mas sim no ambiente no qual ele está inserido. A cultura como instrumento de política pública, diplomacia e inserida no contexto do desenvolvimento nacional

recebe análise pela sua capacidade representativa nas relações internacionais. Franco se vale do conceito de *soft power* para refletir como se estruturam as formas positivas de visibilidade do Brasil no exterior em detrimento das de coerção.

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira tem se dedicado a estudos sobre as instituições e museus de arte, coleções, acervos, narrativas curatoriais, história da arte contemporânea e das exposições, bem como processos artísticos contemporâneos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília com vasta produção intelectual, Oliveira analisa o sistema da arte moderna e seus desdobramentos na contemporaneidade a partir da inter-relação da história das exposições, do mercado e dos museus.

Ana Letícia Fialho, atual diretora do Departamento de Estratégia Produtiva da Secretaria de Economia da Cultura do Ministério da Cultura, esteve envolvida na constituição e coordenação do mais amplo programa de internacionalização, levantamento de dados e indicadores do mercado de arte brasileiro, a Plataforma Latitude. Fialho, que tem sólida trajetória no meio institucional das artes visuais, traz uma análise do desempenho do mercado de arte no Brasil e sua internacionalização, observando como as mudanças de governo e a crise econômica têm impactado e reestruturado o sistema, afetando agentes e instituições.

A alemã Isabelle Graw, em seu segundo texto traduzido para o português, discute as relações entre arte e mercado em meio a posicionamentos de agentes do sistema e seus discursos dissimulados de valoração, precificação e sucesso artístico. Graw discute como se dá a passagem da autonomia no modernismo para a heteronomia da arte na contemporaneidade, assunto que autora tem se dedicado no seu trabalho como crítica e pesquisadora da arte na Alemanha. Conferencista nos mais respeitados congressos internacionais de arte, Graw é autora de *High Price: art between the market and celebrity culture*, publicado pela Sternberg Press, em 2009.

Bruna Fetter discute em seu artigo como se constituem algumas das principais narrativas da legitimação e valoração da arte contemporânea, a partir das noções de investimento, empresariamento e globalização da arte. Aprovada em recente concurso para docência no Instituto de Artes da UFRGS, Fetter tem consistente experiência em produção executiva de eventos de artes visuais, como a Bienal do Mercosul e várias exposições em Porto Alegre, é curadora, crítica de arte e pesquisadora. Foi bolsista de doutorado sanduíche pela Fulbright, em Nova Iorque, para desenvolvimento de sua tese de doutorado sobre feiras de arte. Integra o Grupo de Pesquisas Territorialidade e Subjetividade.

Leonardo Bertolossi estabelece uma relação entre arte e antropologia para refletir sobre os sentidos da arte, fazendo um contraponto entre suas noções originárias e as contemporâneas afetadas capitalismo neoliberal. Com vitalidade e apuro referencial teórico, o autor oferece um texto de densidade intelectual que abre portas para pensar os modelos estruturais hierarquizados e hegemônicos sobre a arte e a condução do sistema da arte. Em seu doutorado na USP, Bertolossi pesquisou o mercado primário de arte contemporânea nos anos 1980 e 1990, enfatizando a Geração 80, a Bienal de São Paulo e internacionalização da arte contemporânea produzida no Brasil. Atualmente é bolsista de pós-doutorado na Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em seu primeiro texto traduzido para o português, a economista francesa Nathalie Moureau coloca em evidência as conseqüências no mercado de arte

decorrentes das discrepâncias entre as noções de valor econômico e artístico na elaboração dos preços das obras de arte contemporânea. Apresentando levantamentos de dados, a autora analisa diferentes fatores de defasagem na precificação da obra de arte contemporânea, salientando como fatores externos ao domínio artístico contribuem para a criação de bolhas especulativas, entre outras questões. Professora da Université Paul Valéry Montpellier, Moureau tem realizado pesquisas na Economia da Cultura, sendo uma referência na França nesse segmento, destacando-se *Collectionneurs d'art contemporain: des acteurs méconnus de la vie artistique*, 2016, *Le marche de l'art contemporain*, 2016, ambos editados pelo Ministère de Culture – DEPS.

Maria Amélia Bulhões, dando sequência a suas investigações sobre Web Arte, analisa práticas artísticas realizadas na Internet e seus desdobramentos no sistema da arte. Para tanto, elege um grupo de artistas e discute suas produções que alimentam e, ao mesmo tempo, desestabilizam o campo das artes em função de atuarem em um meio de comunicação massivo. Atual presidenta da Associação Brasileira de Críticos de Arte, ABCA, e membro do Conselho da Associação Internacional de Crítica de Arte, AICA, Bulhões é curadora de diversas exposições, incluindo a mostra de Web Arte na Bienal Internacional de Curitiba, 2013, a participação brasileira na Bienal de Cuenca, Equador, em 1998, entre outras. Fez parte da diplomacia brasileira quando assumiu a direção do Instituto Cultural Brasil Venezuela e tem vasta produção intelectual e acadêmica.

A antropóloga Dayana Zdebsky de Cordova apresenta um estudo etnográfico de uma tipologia bem específica e preponderante no atual sistema da arte, os colecionadores de arte contemporânea. A partir de um estudo de campo em que realizou uma série de entrevistas, a autora traz uma análise sobre os modos de colecionar, estratégias e motivações para o colecionismo e suas relações com o mercado de arte. Em sua fase final no doutoramento em Antropologia Social na Universidade Federal de São Carlos, é coautora dos livros *Alfaiatarias em Curitiba* (2009), *Pelos trilhos: paisagens ferroviárias de Curitiba* (2010), *As muitas vistas de uma rua: histórias e políticas de uma paisagem* (2014).

O artigo que apresento aponta para uma pesquisa ainda embrionária, mas potente pela oferta de conexões, contexto e relevância: o universo das colecionadoras de arte no Brasil. Inicialmente, o texto foi produzido para cumprimento da disciplina de doutoramento em curso, Mulheres na Arte Moderna e Contemporânea, ministrada pela profa. Daniela Kern, no PPGAV/UFRGS, em 2016. Já a publicação na Revista ouvirOUver é fruto de uma provocação de Kern para que fosse dada continuidade à pesquisa, o que está sendo feito com outros andamentos e pretensões. Elegi algumas colecionadoras que tem destacada atuação no sistema da arte moderna e contemporânea, com a intenção de contribuir na visibilidade do papel das mulheres na escrita da História da Arte. O tema colecionismo, que aparece em vários dos artigos deste Dossiê, tem tido aumento de interesse nos últimos tempos, mas confesso que ainda não encontrei nada que referencie apenas as realizações das colecionadoras.

Para finalizar, agradeço imensamente a Beatriz Rauscher e ao Comitê Editorial da Revista ouvirOUver pela oportunidade e confiança na coordenação deste Dossiê, experiência que proporcionou um prazeroso e rico diálogo com os

autores e autoras aqui presentes, para os quais agradeço mais uma vez o aceite ao convite de participar deste volume da Revista. Ao Daniel Escobar, artista que problematiza de forma sagaz e pertinente questões do sistema em sua poética, agradeço a cedência da imagem para a capa, bem como ao prof. Marco Pasqualini de Andrade pelo design da mesma. A Marina Ludermann, diretora do Instituto Goethe de Porto Alegre, pelo apoio na tradução do texto de Isabelle Graw, a Praticice Pauc, diretor da Aliança Francesa de Porto Alegre, pelo apoio na tradução do texto de Nathalie Moureau. E pela extrema paciência da Ellen Vanessa Soares Pereira, estagiária da Revista, que diagramou todos os textos, alguns mais de uma vez. À Editora Humensis - Puf (Presses Universitaires de France) que autorizou a tradução e publicação do artigo de Nathalie Moureau.

Aos leitores e leitoras, fica o desejo de que o Dossiê traga contribuições e abra portas para novas reflexões que enriqueçam e ampliem o debate sobre as relações sistêmicas da arte.

Nei Vargas da Rosa  
Outubro de 2017.